

Palestra do Guia Pathwork® nº 084  
Palestra não editada  
28 de Abril de 1961

## AMOR, PODER E SERENIDADE COMO ATRIBUTOS DIVINOS E COMO DISTORÇÕES

Saudações, meus queridos amigos. Deus os abençoe, cada um de vocês. Abençoada seja esta hora.

Eu gostaria de tratar aqui dos três maiores atributos divinos: O Amor, o Poder e a Serenidade e como eles se manifestam nas suas formas distorcidas. Na personalidade saudável, estes três princípios trabalham lado a lado em perfeita harmonia, alternando-se de acordo com a necessidade específica de cada situação. Eles se completam e fortalecem mutuamente. Deve ser mantida certa flexibilidade a fim de que nenhum destes três atributos contradiga ou interfira no outro. Contudo, na personalidade distorcida, eles podem se excluírem, uns aos outros. Um é a contradição do outro e assim criam conflitos. Isto acontece porque um destes atributos é escolhido inconscientemente para desempenhar o papel principal na solução da vida e dos problemas da vida.

Vocês devem se lembrar de que tratei das atitudes de submissão, agressividade e retirada. Estas são as distorções do amor, do poder e da serenidade. Agora gostaria de falar com maiores detalhes sobre como isto funciona na psique, como se espera que isto seja uma solução e como a atitude predominante cria padrões dogmáticos e rígidos que são incorporados à Autoimagem idealizada.

Quando criança, o ser humano enfrenta desapontamentos, solidão e rejeição tanto reais quanto imaginários. Isto cria uma insegurança e falta de autoconfiança que ele procurar superar infelizmente de forma incorreta. A fim de superar as dificuldades criadas, não apenas na infância, mas também mais tarde pela solução incorreta, a pessoa se envolve em num círculo vicioso. Inconsciente de que a “solução” que escolheu traz mais problemas e desapontamentos a pessoa tenta de maneira cada vez mais exaustiva, perseguir aquilo que considera como a solução. E quanto menos consegue atingi-la, mais duvida tem de si e mais reforça a solução errada.

Uma dessas pseudossoluções é o amor. O sentimento é: “se ao menos eu fosse amado, tudo estaria bem”. Em outras palavras, espera-se que o amor resolva todos os problemas. É desnecessário dizer que isto não é verdadeiro, especialmente quando se considera a maneira como esperamos que esse amor fosse dado; na realidade, tal pessoa com distorções – dificilmente será capaz de experimentar o amor. A fim de receber amor tal pessoa desenvolve várias tendências e padrões de comportamento e reação internos e externos que consequentemente a tornarão mais vulnerável e mais fraca do que em realidade é. Aprende características cada vez mais autodestrutivas a fim de obter amor e proteção; tudo isto parece salvá-la da aniquilação. Obedece às exigências reais ou imaginárias das outras pessoas. Humilha-se e se submete a ponto de vender sua alma para receber aprovação, simpatia, ajuda e amor. Inconscientemente acredita que ao afirmar seus desejos e suas necessidades perderá o único valor que reconhece na vida: o de ser cuidado como se fosse uma criança – não necessari-

amente em termos financeiros, mas emocionalmente. Assim artificialmente e desonestamente proclama uma imperfeição, uma desesperança, uma submissão que não são genuínas. Ela as usa como uma arma e como um meio de finalmente, vencer e dominar a vida.

A fim de permanecer inconsciente desta falsidade, estas tendências tornam-se a sua Autoimagem idealizada, ou uma parte dela. Ela se convence de que todas estas tendências são sinais de sua “divindade”, “santidade” e “altruísmo”. Quando se “sacrifica”, a fim de finalmente ter um protetor forte e amoroso, se orgulha de sua capacidade de sacrifício altruísta. Orgulha-se de sua “modéstia” em nunca reivindicar reconhecimento, realização e força. Consequentemente espera forçar o outro a sentir-se amoroso e protetor com relação a ela. Existem muitíssimos aspectos desta pseudossolução. Todos eles devem ser encontrados minuciosamente, no trabalho que estão realizando. Não é fácil detectá-los, posto que estas atitudes são profundamente arraigadas. Parecem tornar-se parte de sua natureza. Além do mais, a mente pode transformá-las em necessidades aparentemente reais. Por último, mas muito importante: estas são sempre frustradas pelas tendências diametralmente opostas das outras pseudossoluções que também estão presentes apesar de, provavelmente, não serem predominantes. Da mesma maneira, os outros tipos encontrarão aspectos dessa submissão na sua psique. Tudo é uma questão de grau que varia de indivíduo para indivíduo, a extensão da predominância desta pseudossolução e também a extensão da “contra-ação” oferecida pelas outras “soluções”.

A pessoa com atitudes predominantes de submissão terá mais dificuldades na descoberta do orgulho que prevalece nesta atitude. O orgulho nos outros tipos está bem na superfície. Pode haver orgulho do próprio orgulho; pode haver orgulho da própria agressividade e do cinismo. Mas, uma vez que se enxerga isso, então não poderá ser disfarçado em “amor”, ou qualquer atitude “santa”. O tipo submisso terá de olhar com profundo discernimento para as tendências a fim de ver como as idealizou. Pode descobrir uma reação de indiferença crítica e desprezo por todos aqueles que tentam se impor à ele, não apenas com a agressividade da distorção do poder, mas até mesmo quando usam a assertividade saudável. Pode ao mesmo tempo admirar e invejar aquilo que despreza e sente-se superior em termos de “desenvolvimento espiritual” e “padrões éticos”. Pode melancolicamente pensar ou dizer: “se eu pudesse ser assim, iria muito mais longe na vida”, mas ao fazê-lo reforça sua “divindade” que o impede de conseguir aquilo que as pessoas “menos divinas” obtêm. Assim se sente orgulhoso do seu martírio autossacrificante e apenas um bom insight da natureza real destes motivos revelará o egoísmo e egocentrismo fundamental que prevalece nesta atitude, bem como em outras. Orgulho, hipocrisia e pretensão estão presentes em todas essas atitudes quando incorporadas à Autoimagem idealizada. O tipo submisso terá maior dificuldade em descobrir o orgulho, ao passo que o tipo agressivo terá dificuldades em descobrir a pretensão. Isso porque ele finge uma “honestidade” quando é cruel, cínico e ao agir com seu desejo de tirar vantagem.

A necessidade do amor protetor tem certa validade para a criança, mas se esta atitude permanece na maturidade não mais será válida. Nesta busca de ser amado, além da ânsia do prazer supremo, está o aspecto de “devo ser amado para que possa acreditar no meu próprio valor. Então poderei retribuir o amor”. É em última instância, um desejo autocentrado e unilateral. Os efeitos desta conjuntura são graves. Em primeiro lugar, a necessidade de tal amor e dependência torna a pessoa vulnerável. Ela não cultiva a faculdade de se sustentar sobre os próprios pés. Pelo contrário, usa toda sua força psíquica para viver o seu ideal ao máximo, forçando as pessoas a suprir suas necessidades. Em outras palavras esta pessoa obedece para que as outras pessoas a obedeçam: submeter-se a fim de dominar – ainda que essa dominação se manifeste sempre de maneira suave, fraca e vulnerável.

Não é à toa que uma pessoa que age assim se afaste do seu Eu Real. Seu Eu Real deve ser negado, pois a expressão dele evidencia atrevimento e agressividade e isso tem que ser evitado a todo o custo. Mas a indignidade imposta sobre a individualidade pela autonegação aparece como desprezo e desqualificação de si mesmo. Como isto é doloroso, além de ser contrário à autoimagem idealizada que preconiza a modéstia como virtude suprema; isto então será projetado nos outros. Tais emoções de desprezo e ressentimento pelos outros por outro lado, contradiz o padrão do Eu idealizado. Consequentemente devem ficar escondidas. Tudo isto gera uma inversão e tem sérias repercussões sobre a personalidade, manifestando-se também em sintomas físicos de todos os tipos.

Raiva, fúria, vergonha, frustração, autodesprezo e ódio de si mesmo existem por duas razões. Em primeiro lugar, existem pela negação do seu Eu Real, pela indignidade de não se expressar como em realidade se é. Então se acredita que o mundo nos evita, abusa e tira vantagem de nossa “santidade”. Isto é projeção. Em segundo lugar existem porque se é incapaz de viver de acordo com as imposições do Eu idealizado exigindo que nunca se fique ressentido, se despreze, se desgoste, se culpe ou se encontre defeitos nos outros, etc. Como resultado, não somos tão “bons” quanto deveríamos ser.

Em resumo este é o quadro de uma pessoa que escolheu “amar” com todas as subdivisões de compaixão, compreensão, perdão, união, comunicação, irmandade, sacrifício, como solução rígida e unilateral. Esta é uma distorção do atributo divino. A autoimagem idealizada deste tipo terá padrões e imposições similares. Ele deve estar sempre “por baixo” nunca se autoafirmar, sempre abrir mão, nunca descobrir falhas nos outros, amar à todos, nunca reconhecer seus próprios valores verdadeiros e realizações e assim por diante. A primeira vista parece ser um quadro bastante “santo”, mas meus amigos, isto não é senão a caricatura do verdadeiro amor, da compreensão, perdão e compaixão. O veneno dos motivos subjacentes distorce e destrói aquilo que poderia ser realmente genuíno.

Na segunda categoria, está aquele que busca o poder. Esta pessoa pensa que poder e independência das outras pessoas resolverão todos os seus problemas. Este tipo, assim como o outro pode apresentar muitas variações e subdivisões. Pode ser predominante ou subordinado às duas outras atitudes. Aqui, a criança em crescimento acredita que a única maneira de estar a salvo é tornando-se tão forte e invulnerável, tão independente e sem emoções que nada e ninguém poderá atingi-la. Assim, esforça-se por negar todas as emoções humanas. Quando elas vêm à tona sente-se profundamente envergonhado de qualquer emoção e as considera como fraqueza, seja uma fraqueza real ou imaginária. O amor e a bondade também seriam considerados como fraqueza e hipocrisia, não apenas na sua forma distorcida como no tipo submisso, mas também na forma real e saudável. Calor, afeição, comunicação, altruísmo, tudo isto é desprezível e todas as vezes que suspeita de um impulso deste tipo em si, sente-se profundamente envergonhado, assim como o tipo submisso se envergonha do seu ressentimento e qualidades de dominação que se escondem por trás da falsa solução.

Existem muitas maneiras e áreas da vida e da personalidade nas quais este poder e agressividade podem manifestar-se. Eles podem estar direcionados principalmente, às realizações. A pessoa com um impulso de poder competirá e tentará ser melhor que qualquer outra. Qualquer competição é sentida como uma ofensa à posição de especial destaque que ele necessita para a sua “solução particular”. Ou pode ser uma atitude geral e menos definida em todas as suas relações humanas. Este tipo artificialmente cultiva uma rudeza que não é mais verdadeira que a suavidade vulnerável da pessoa submissa. Nisto ele é igualmente desonesto e hipócrita porque ele também necessita do calor e

afeição humanas. Ele também sofre com seu isolamento. Ao não admitir este sofrimento ele é tão desonesto quanto os outros tipos. Sua autoimagem idealizada dita padrões de perfeição divina no que diz respeito à independência e poder. Ele acredita que não precisa de ninguém, que é inteiramente autossuficiente. Ao contrário dos outros meros seres humanos, ele não necessita de amor, amizade ou ajuda. O orgulho nesta defesa é muito óbvio, mas a desonestidade será menos fácil de detectar porque estes tipos usam a racionalização para esconder a hipocrisia do tipo “bonzinho”.

Como esta autoimagem idealizada impõe um poder e independência em relação aos sentimentos e emoções humanas que ninguém consegue obter, fica sempre provado que a pessoa não pode ser o seu Eu ideal. Isto provoca fases de depressão e autodesprezo que serão projetados nos outros para que continue inconsciente da dor dessa autopunição. A incapacidade de ser o Self idealizado sempre produz este efeito. Também, quando analisamos séria e rigorosamente as imposições de qualquer tipo de Self idealizado, a onipotência em qualquer de suas formas estará presente. Estas reações emocionais são sutis e ilusórias – tão ocultas pelo conhecimento racional, que deve ser feita uma observação meticulosa acerca de alguns sentimentos a fim de obter consciência de tudo isto. Somente o trabalho que vocês estão fazendo pode fazer emergir algumas destas atitudes. É obviamente muito mais fácil detectar quando um tipo é muito dominante numa única direção. Mas na maioria dos casos, as atitudes estão mais ocultas e em conflito com os outros tipos.

Um sintoma posterior do tipo agressivo, que pensa que o poder é a solução para ele, é a visão artificialmente cultivada de “como o mundo e as pessoas são más”. Ele receberá muitas confirmações disso. Mas se orgulha da “objetividade” de sua falta de credulidade como uma justificativa para não gostar de ninguém. Faz parte dos seus preceitos que ele não deve amar ninguém. Se o fizer ou se em algum momento, sua verdadeira natureza se mostrar, isso é uma transgressão grosseira da sua autoimagem idealizada e ele terá vergonha disso. Em oposição, o tipo submisso orgulha-se de amar a todas as pessoas e de considerar todos os seres humanos como bons, pois ele precisa disso para poder manter sua atitude submissa. Em realidade, ele não se importa se as outras pessoas são boas ou más contanto que elas o amem, apreciem, aprovelem e o protejam. Todas as avaliações sobre outras pessoas se apoiam nisto, não se importando com “explicações”. Como todo mundo possui mesmo virtudes e faltas, elas podem ser escolhidas de acordo com a atitude que a outra pessoa toma em relação ao submisso.

Aquele que busca o poder nunca deve falhar em nada. Oposto ao tipo submisso que se orgulha de suas falhas confirmando assim sua vulnerabilidade e consequentemente forçando os outros a amá-lo e protegê-lo. (Entretanto, neste tipo podem existir certas áreas da personalidade nas quais a falha é permitida porque aí, a atitude predominante pode ser a submissão; assim como o tipo submisso pode ter certas áreas da personalidade nas quais recorre ao poder como solução.) Ambas são igualmente rígidas, irreais e insatisfatórias. Considerando o Self, qualquer destas “soluções” é uma fonte constante de dor e desilusão e causam a falta de autorrespeito.

Como falei antes, existe sempre uma mistura de todas estas soluções numa mesma pessoa, embora uma delas seja predominante. Daí a pessoa não poder cumprir suas próprias imposições. Mesmo que fosse possível nunca falhar ou amar todas as pessoas, ou ser completamente independente dos outros se torna uma impossibilidade porque as imposições da autoimagem idealizada de uma pessoa exigem, ao mesmo tempo, que ela ame e seja amada por todos e que os domine. Para conseguir isso precisará ser agressivo e eventualmente rude. Uma autoimagem idealizada pode ao mesmo tempo exigir que uma pessoa seja sempre altruísta a fim de obter amor; seja egoísta para

conseguir poder; seja completamente indiferente e alheio a todas as emoções humanas para não ser perturbado. Vocês podem avaliar o tamanho do conflito desta alma? Como esta alma deve estar distorcida! Qualquer que seja sua atitude será errônea e levará à culpa, vergonha, inadequação e, consequentemente, à frustração e autodesprezo.

Vamos agora considerar o terceiro atributo, a serenidade, escolhida como uma solução e por isso distorcida. Originalmente, uma pessoa pode ter sido tão atormentada entre os dois primeiros aspectos que busca uma saída escapando dos seus problemas internos e da vida como tal. Com a retirada, ou falsa serenidade ela ainda está “partida ao meio”, mas sem consciência disso. Ela construiu uma fachada muito forte de falsa serenidade, mas ficará evidente que realmente foi construída sobre areia.

O tipo sereno e o tipo que busca o poder parecem ter algo em comum que é o distanciamento dos sentimentos e das emoções, o desapego aos outros e uma grande necessidade de independência. Embora muitos dos motivos emocionais subjacentes sejam similares – medo de magoar-se e se desapontar, medo de depender dos outros e, consequentemente se sentir inseguro, as imposições da autoimagem idealizada desses dois tipos são muito diferentes. O que busca o poder tem orgulho da sua hostilidade e espírito de luta agressivo. O tipo retirado é inteiramente inconsciente de que tais sentimentos existam e todas as vezes que eles vêm à tona ele se sente chocado, pois vão contra as suas exigências. Estas exigências são: olhar de modo benigno e desapegado para todos os seres humanos, conhecendo suas fraquezas e qualidades, mas sem ser afetado ou incomodado por nenhuma delas. Se isto fosse verdade, seria realmente Serenidade. Mas, não há ser humano que o tenha conseguido. Por isso tais exigências são tão irrealis e irrealizáveis. Elas também incluem orgulho e hipocrisia. Orgulho, porque não se é tão divino no desapego, justiça e objetividade. Em realidade, sua visão pode ser apenas “colorida” por aquilo que outras pessoas pensam dele, como exemplo, os tipos submissos. Mas ele é orgulhoso demais para admitir que ele próprio, alguém tão especial, possa ser atingido por tais fraquezas humanas. Ele se considera acima de tudo isso. Como não é verdade e ele é tão dependente como os outros dois tipos é igualmente desonesto. Estar acima de tudo não é verdadeiro e jamais será enquanto ele for um ser humano, portanto não deveria ceder aos padrões e imposições da sua autoimagem idealizada que o torna tão culpado, frustrado e cheio de autodesprezo quanto os outros dois tipos.

Estes três tipos principais foram aqui delineados muito por alto, de maneira muito geral. É desnecessário dizer que existem muitas variações. De acordo com a força, intensidade e distribuição destas “soluções”, a tirania da autoimagem idealizada se manifestará. Tudo isto deve ser buscado no trabalho individual. Nunca deve ser esquecido que qualquer atitude dificilmente será “absoluta” numa mesma pessoa. Em outras palavras podem estar presentes em maior grau em certas áreas e em outras facetas da vida podem nem aparecer. A parte mais importante deste trabalho é sentir estas emoções e experienciá-las. É impossível livrar-se desta autoimagem idealizada que é autoinibidora, se você apenas olhar e observar de forma desapegada com o intelecto, o que está em você. Você tem que ficar plenamente consciente de todas estas tendências, geralmente contraditórias, e isso será doloroso. A dor que sempre esteve em você, porém escondida e contra a qual você se “protegeu” transferindo-a para os outros, para a vida e para o destino, essa dor se tornará uma experiência consciente que você incontestavelmente precisará trabalhar. A primeira vista isto parecerá uma recaída. Você vai achar que está pior do que antes de começar o trabalho. Mas não é verdade. Seu progresso fez com que todas essas emoções até então ocultas, se tornassem conscientes para que você realmente pudesse utilizá-las numa análise.

Do contrário, você não poderá dissolver a superestrutura da tirania de sua autoimagem idealizada, com todo o mal que ela lhe causa. Você está tão condicionado por estas reações emocionais com as quais se acostumou e está tão envolvido por elas que não consegue ver o que está bem diante de seus olhos. Você nota no passado, reações emocionais a certas situações aparentemente sem importância, simplesmente porque elas se tornaram parte de você enquanto espera por novos e ocultos reconhecimentos. Mas as reações emocionais atuais fornecerão a pista desde que você as enfoque com atenção. Isto seria impossível sem que seu equilíbrio seja perturbado. Consequentemente, o distúrbio é forçado a vir à tona e este é o momento em que você pode lidar com ele.

Assim, meus amigos, comecem a ver suas emoções sob esta luz. Então, descobrirão quais exigências impossíveis sua autoimagem idealizada lhes exige. Verão que é a sua imagem idealizada e não Deus, a vida, nem as outras pessoas que exigem tudo isso. Começarão a ver que, por conta destas exigências você precisará de outras pessoas para lhe ajudar a cumpri-las. Assim você inconscientemente exige do outro o que ele é incapaz de dar. E você está muito mais dependente do que precisa estar, apesar de todo o seu empenho por uma pseudoindependência seja do tipo agressivo ou do ausente.

Você deverá descobrir também a causa e o efeito destas condições. Verá sua vida, suas dificuldades presentes e passadas com um novo olhar. Compreenderá que criou muitas, senão todas essas dificuldades simplesmente por causa da sua “pseudossolução”.

Não é suficiente entender intelectualmente que quanto mais você se envolve nas suas pseudossoluções, menos seu Eu Real pode se manifestar. Você precisa vivenciar isto. Isto pode acontecer se deixar suas emoções virem à tona para que as trabalhe. Somente então conseguirá sentir o valor intrínseco do seu Eu Real. Assim será possível abrir mão do falso valor do Self idealizado. Este é um processo recíproco: ao se permitir ver os falsos valores, por mais dolorosos que sejam, seus valores reais emergirão gradualmente para que você não precise dos falsos. Como o Self idealizado o afasta do Eu Real, você se mantém completamente inconsciente dos seus valores. Você se concentra (inconscientemente) nos falsos valores; ou em valores que lhe faltam, mas que acredita necessitar e que finge possuir; para si mesmo e para os outros. Ou então você se concentra em valores que potencialmente possui, mas que ainda não foram desenvolvidos. Como seu Self idealizado não admite que esses valores ainda necessitem de desenvolvimento, você não os desenvolve e proclama-os como se já estivessem plenamente amadurecidos. Pelo fato de usar todos seus esforços para concentrar-se nesses falsos valores, você não vê os valores reais e teme abandonar os falsos com medo de ficar sem nada. Assim seus valores reais não contam, é como se não existissem. Isto também pode acontecer pelo fato deles contradizerem as exigências do seu Self idealizado; ou porque tudo o que vem naturalmente e sem esforço não parece ser real. Você está tão condicionado a se esforçar pelo impossível que não percebe daquilo que tem valor real e que não necessita de esforço. Como você não utiliza esses valores, eles “hibernam”. Isto é uma grande perda, meus amigos, porque você criou a autoimagem idealizada, como falei, pelo fato de não acreditar no seu merecimento e valor real. Construindo o Eu idealizado e querendo sê-lo não pode ver que na verdade é merecedor de aceitação e de acreditar em si. Desenvolver este processo como um todo é doloroso; primeiro porque a ansiedade, frustração, culpa e vergonha devem ser profundamente vividas. Mas à medida que com coragem prosseguir, obterá uma visão muito diferente de tudo. Por fim começará a ver seu Eu Real pela primeira vez. Verá também suas próprias limitações. Poderá chocá-lo aceitar essas limitações que estão tão distanciadas do eu idealizado. Mas à medida que aprender a fazê-lo começará a obser-

var valores que nunca havia visto ou tinha consciência. Um sentimento de força e autoconfiança de uma maneira muito real e diferente fará com que veja a vida e a si mesmo. Gradualmente este processo se estabelecerá. Fortalecerá a verdadeira independência, não a falsa, ser apreciado pelas outras pessoas não mais será a medida para o seu próprio valor. Até então a avaliação dos outros foi muito importante porque você não valorizava a si mesmo. Mas à medida que começa a confiar e gostar de si, o que as outras pessoas pensam não tem metade da importância. Você estará intimamente seguro e não mais precisará construir falsos valores sobre o orgulho e pretensão. Não mais terá confiança em um Eu idealizado com o qual não pode contar e que o enfraquece. A liberdade de não carregar esse fardo, não pode ser descrita com palavras.

Meus amigos, este é um processo lento. Ele não acontecerá da noite para o dia. Conseguirão isto com a “autobusca” séria e a análise dos próprios problemas, das atitudes e emoções. À medida que prosseguem neste caminho, o verdadeiro Você, com seus verdadeiros valores e capacidades, desabrochará em um processo de crescimento interno e natural. Somente então sua individualidade se tornará mais e mais forte. A sua natureza intuitiva se manifestará sem inibição e com toda a espontaneidade natural e confiável. Será o “ponto alto” de suas vidas. Não irrepreensíveis nem livres de algum fracasso, não excluindo a possibilidade de cometer erros, mas fracassos e erros que acontecerão de forma bem diferente. Cada vez mais você associará a atitude divina do amor, poder e serenidade, de maneira saudável em oposição à forma distorcida.

O amor não será um meio para atingir um objetivo. Ele não será uma necessidade que vai salvar você da aniquilação. Ele deixará, portanto, de ser autocentrado. Assim, a sua própria capacidade de amar combinará poder e serenidade. Ou para colocar de forma diferente, você comunicará através do amor, compreenderá através de uma interdependência saudável, sendo verdadeiramente independente porque o amor, o poder e a serenidade não tomarão o lugar do autorrespeito perdido. O amor genuíno, não o amor autocentrado (que não mais interferirá com o poder saudável), não o poder que vem do orgulho e do desprezo, não o poder de triunfar sobre os outros, mas o poder de dominar a si mesmo e suas próprias dificuldades sem ter que provar nada a ninguém. Quando você ambiciona o domínio através da distorção do atributo do poder o faz tentando provar sua superioridade. Quando você alcança o domínio através do poder saudável, o faz na intenção do crescimento. Não ser capaz de dominar aqui ou ali, não representa ameaça – como na distorção do atributo. Não diminuirá seu valor a seus próprios olhos e nada tem que ser provado aos outros. Assim você crescerá verdadeiramente com cada experiência de vida. Aprenderá e realizará. Então, obterá o poder real, não o falso. Não haverá quaisquer ambições distorcidas, compulsão e precipitação.

Serenidade da maneira saudável não o levará a esconder-se das emoções, da experiência, da vida e dos seus próprios conflitos, mas pelas duas atitudes saudáveis anteriores, você não estará tão obcecado consigo mesmo se tornando como consequência mais objetivo. Esta é a verdadeira serenidade. Não evitar a experiência e as emoções que possam ser dolorosas no momento, mas que forneçam uma “chave” importante quando se apela para a coragem de superá-las e encontrar o que está além delas.

Assim amor, poder e serenidade podem viver “de mãos dadas”. Na verdade quando são saudáveis eles se complementam. Mas se forem distorcidos, podem criar a maior guerra dentro de você.

Agora, meus queridos, estou pronto para as perguntas.

PERGUNTA: Quando uma criança “força” amor através de um acesso de irritação e o adulto mais tarde repete este padrão – não necessariamente no exterior, mas com zangas internas, isto é um indicativo de que ela havia adotado a “solução” da máscara do poder?

RESPOSTA: Você não pode colocar as coisas dessa forma. Como sempre as generalizações podem conduzir ao erro. Cada caso é diferente. Em alguns casos, pode ser assim. O impulso do poder fica frustrado porque o Self idealizado da pessoa exige que ela consiga o que quer. Também pode acontecer com o tipo submisso que precisa do amor como “solução” para todos os seus problemas. Este tipo está tão convencido que essa é a “solução” e está tão dependente dela que quando as outras pessoas não correspondem se sente ultrajado. A raiva e o autodesprezo são tão fortes que têm que ser externados e são projetados sobre outra pessoa. Isto em contrapartida cria culpa porque vai contra os padrões do Self idealizado que nunca deve sentir raiva dos outros.

Pode também, ser uma combinação da busca do poder e do amor. Estas duas atitudes lutam constantemente entre si. Por um lado, a necessidade de ser amado é muito forte; por outro lado, há a superioridade do tipo poder que se sente particularmente humilhado e exposto pela sua dependência, e que anseia por mostrar a sua invulnerabilidade tanto quanto anseia ser amado.

Assim pode acontecer uma mistura. Cada pessoa tem que achá-la separada e individualmente. Deve voltar-se para si mesma analisando não apenas a situação da infância quando estas “soluções” inconscientemente se institucionalizaram, mas também, as exigências e problemas da vida no presente. Deve investigar como uma tendência em outras circunstâncias.

PERGUNTA: Você nos mostrou como se manifestam as distorções dos atributos e também como esses atributos funcionam lado a lado na forma saudável. Mas eu sinto que não só eles podem caminhar juntos na maneira divina, mas também podem dar subprodutos uns dos outros. Amor na forma de força e força através de amor e juntos produzindo serenidade. Assim, minha pergunta é, há uma distorção desta unificação quando se acredita que se pode combiná-los, mas de maneira distorcida?

RESPOSTA: De novo existe uma atitude muito contraditória. Por um lado, a pessoa pode às vezes acreditar que pode ser combinado. E você descobrirá que neste trabalho de vez em quando surge quem diga: mas por que não? Porque não posso ter os dois ao mesmo tempo? Apenas após uma análise minuciosa descobrirá que eles são mutuamente exclusivos pelo simples fato de serem distorções. É claro que a pessoa internamente está convencida que podem ser combinados. E ela estaria certa, se eles estivessem na sua forma saudável, mas na forma distorcida, não é possível. Contudo deve ser mostrado no trabalho exatamente porque e como duas tendências se opõem entre si quando se vê a causa e o efeito de cada uma.

É também verdade que a pessoa percebe e se convence de que os atributos não podem ser combinados pelo fato deste processo ser inconsciente. Consequentemente quando a pessoa é submissa tem ódio de si mesma, pois na verdade sente que deveria ter orgulho, ser distante e independente. Não percebe que poderia abrir mão ao mesmo tempo em que se autoafirmaria através de uma independência saudável. Assim a coisa funciona de ambas as formas. Por um lado ela se despreza por não conseguir combiná-las e por outro lado se desespera porque inconscientemente acredita que deveria tomar uma decisão numa direção e não consegue fazê-lo.



PERGUNTA: Eu gostaria de saber se uma tentativa distorcida de unificação pode mascarar-se sob a crença de que se é flexível e que sempre se faz julgamentos corretos?

RESPOSTA: Sim, Isso frequentemente acontece.

PERGUNTA: Você pode nos dar alguns insights das razões dos atos compulsivos? Em particular, quais as bases gerais das emoções compulsivas de comprar e comer? E como estes dois atos podem ser combatidos?

RESPOSTA: A única maneira de combatê-los é entrar neste trabalho e descobrir as razões subjacentes. Deve haver uma razão pessoal e particular que tem que ser encontrada. Tentar combater o ato pela disciplina só conseguirá a inibição de alguns sintomas enquanto outros sintomas se desenvolverão e produzirão ansiedade ainda maior.

A razão da existência dessas compulsões não pode ser generalizada, mas posso afirmar que qualquer compulsão vem de uma conclusão inconsciente de que algo deve ser obtido, conseguido. Por exemplo, a autoimagem idealizada manda o indivíduo viver de acordo com certos padrões ou deve ganhar algo e a pessoa é incapaz de fazê-lo. Então é compelida a buscar outras saídas. Está tão frustrada com sua própria incapacidade de viver de acordo com o que deveria e poderia, que é levada à compulsão, a substituir o padrão que falta por outra ação. Uma compulsão para comprar coisas, quando analisada no nível simbólico, mostrará que representa aquisição. Isto deve vir de uma distorção de poder para ter e possuir. Pode vir de uma distorção do amor – “Se eu não posso ter amor, quero ter coisas em seu lugar”. A compulsão para comer pode ter raízes similares. Pode ser também, um substituto para a frustração de não ser capaz de receber o prazer que se busca. Este prazer tão desejado emerge devido à existência das tentativas erradas de resolver a vida. Quando os efeitos destas tentativas e atitudes distorcidas forem devidamente analisadas, descobriremos que elas proibiam todas as coisas que o indivíduo queria obter. Quando isto é visto, o substituto com a sua natureza compulsiva diminuirá a ponto da pessoa compreender a causa e o efeito internos.

Mesmo que a explicação e exemplos gerais que usei aqui pudessem ser aplicados a uma determinada pessoa, isto não será realmente útil. A pessoa deve descobrir por si mesma e ter sua primeira experiência desta descoberta como algo completamente diferente da explicação que dei. Só então será benéfico.

PERGUNTA: Qual a explicação psicológica para uma pessoa se tornar drogada?

RESPOSTA: De novo, só posso dar uma explicação generalizada. Cada caso pode ser diferente do outro. Tudo o que posso afirmar é que a vida torna-se tão difícil de ser vivida, não porque a vida é difícil, mas por causa dos problemas íntimos dividindo a pessoa que a angústia chega a um ponto tal onde a realidade se torna não só mais feia como também remota. A dor da ilusão torna-se insustentável. Tudo isso gera medidas drásticas de “escape”, tais como o vício da droga ou o alcoolismo ou a psicose ou outras. Os vícios são geralmente motivados por uma forte necessidade de amor, prazer e êxtase. Até que se entre em outro círculo vicioso. Quanto mais o indivíduo se afasta do Eu Real, menor a possibilidade de prazer e maior se torna o desejo dele. Então, se procura o “atalho substituto” – o vício.

PERGUNTA: Estamos circundados por formas pensamentos de diferentes qualidade e força, etc. De que maneira eles interagem com os diferentes eus?

RESPOSTA: As formas pensamentos e sentimentos negativos emanados pelos outros afetam os níveis correspondentes em nós que também abrigam distorções. As formas pensamento e sentimento emanados pelo eu real afetam o eu real da outra pessoa. Sob nenhuma circunstância você é presa das formas distorcidas dos outros porque, se realmente procurar dentro de si, estes efeitos ajudarão a trazer suas próprias distorções, de sorte que fique consciente deles e aprenda a lidar com eles solucionando tais problemas.

Quanto ao efeito das próprias formas pensamento e sentimento sobre si mesmo, será enganoso dizer que eles causam sofrimento a você. Eles são o produto dos seus próprios conflitos e das falsas soluções que você procura. Que estes conflitos e soluções erradas produzem formas correspondentes são uma matéria accidental. Vocês não podem pensar que as formas pensamentos interferem. Elas existem. Mas a interferência presente vem da atitude errada. A forma pensamento distorcida sua ou de outra pessoa só pode fazer aparecer o seu problema – e isto é bom.

Abençoo cada um de vocês. Que estas palavras possam ser alimento, não apenas para o pensamento, mas para o insight e a compreensão. Que vocês possam dar um passo no caminho da luz e da liberdade. A Luz e a Liberdade que podem ser suas se a tirania e o orgulho da autoimagem idealizada forem enfraquecidos por este trabalho. Prossigam em seu Caminho da Felicidade. Adquiram cada vez mais força e deixem que bênçãos e amor os ajudem e os revigorem.

Sejam abençoados, meus queridos! Fiquem em paz! Fiquem com Deus!

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.